Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Estado de Minas **Class.:** 03

Data 16 de abril de 1980 **Pg.:**

Ponha seu coração na trilha dos índios

Terra dos Índios. Um filme brasileiro de ficção? Do fundo sincero do coração, gostaríamos que assim fosse. Mas não, é a pura realidade: um documentário de longa-metragem, realizado pelo brasileiro Zelito Viana, mostrando a luta das populações indígenas remanescentes pela posse do pouco de terras que ainda lhes restou após esses 480 anos de expoliação. De fevereiro de 1978 a novembro do mesmo ano, a equipe de filmagens percorreu quase todo o país, do Rio Grande do Sul ao Parque do Xingu.

Verdade incontestável: filmar no Brasil é uma dificuldade. Os muitos problemas, como sempre, surgem da falta de infra-estrutura. Infra-estrutura reconhecidamente deficiente, que vai muito além do específico setor da cinematografia nacional. Daí, essa aventura moderna, em alguns casos, ser destinada apenas aos fortes e perseverantes. Principalmente quando se trata de mostrar essa nossa (quase que) proibida realidade.

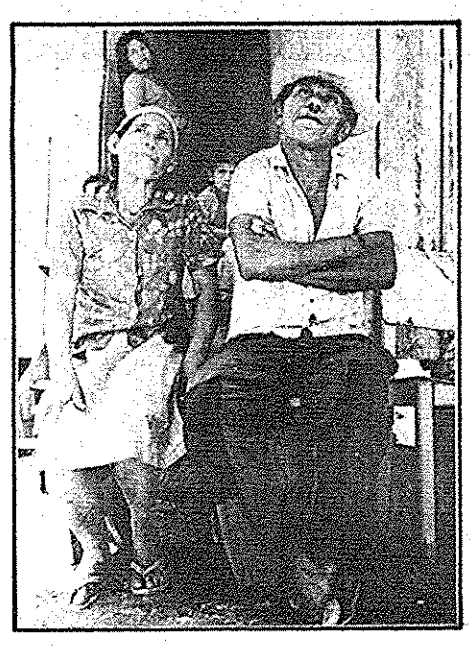
Por isso, é bastante natural que da boca de Zelito Viana, um cearense de 41 anos, autor de três excelentes documentários curtos, "Belém-Brasília", "Zabumba" e "Choque Cultural", e um semi-documentário longo (e proibido) "Morte e Vida Severina", brotem como arame farpado essas palavras: "Meu sonho é arranjar um jeito de ser financiado para filmar o Brasil. Tudo que eu tivesse vontade de filmar, sem censura. Uma espécie de Amaral Neto ao contrário. Acho que por aí teria alguma contribuição a dar para conhecermos melhor **que país é este?"**.

Zelito prossegue: "Junto com Leon Hirzmann, em Roma, elaboramos um anteprojeto: recomtar os 480 anos de História do Brasil, do ponto de vista inverso ao que estamos acostumados a aprender, isto é, do ponto de vista dos dominados e não dos dominantes, abrangendo aspectos sociais, econômicos, políticos, antropológicos, culturais e étnicos. Dividido em seis grandes capítulos, dos quais o primeiro se chama Da Terra dos Índios aos Índios Sem Terra. O conjunto é composto de 26 filmes de 30 minutos para veiculação básica em televisão. Como se vê, nosso otimismo com relação à televisão brasileira é, no mínimo, invejável".

Apesar de tudo, o sonho continua. E a fala de Zelito: "Em 1977, a Embrafilme conseguiu uma verba da Caixa Econômica para uma tentativa de substituição das séries enlatadas. Essa verba foi conseguida mediante a apresentação dos números da goleada que a cultura brasileira leva em seu maior meio de comunicação de massas: importados 10.000 x 24 brasileiros. Isto é, no ano passado foram exibidos na televisão mais de dez mil títulos de películas filmadas de procedência estrangeira e apenas 24 nacionais no mesmo período. É impressionante. Isto funciona na cabeça das pessoas, sobretudo das crianças brasileiras, da mesma maneira que os antidesfolhantes ou o **napalm"**. E Zelito alerta para o perigo dessa prática: "É um verdadeiro bombardeio cultural que precisa ser impedido, sob pena de termos pelo menos mais três ou quatro gerações de pessoas formadas não por pais ou professores com uma consciência brasileira, mas sim pelos estúdios da Hanna Barbera ou da Warrer Comunications".

Realmente, uma questão muito séria, de botar a gente de mão no queixo, matutando. E partindo para a ação, objetivamente, como parece e é, certamente, o caso de Zelito Viana e de seu documentário, segundo a crítica "didática, enérgico e emocionante, um projeto de resistência cultural".

Mas "Terra dos Índios" não é fruto apenas da cabeça de seu diretor. Junto com ele, estiveram Dom Thomás Balduíno, intransigente defensor da causa indígena, e os antropólogos Carlos Moreira Neto e Darcy Ribeiro, uma das maiores autoridades no assunto. São suas essas palavras, na XXX Reunião Anual da SBPC — Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência em São Paulo, julho de 1978: "Depois de décadas em que viram suas terras invadidas, os grupos indígenas do Rio Grande do Sul conseguiram uma vez expulsar os invasores. Eles decidiram entrar para a briga, decidiram assumir eles mesmos a sua defesa, e puseram os colonos para fora. É uma lástima para esses colonos, mas lástima maior ainda é que eles queiram fazer a reforma agrária à custa dos índios, que têm tão pouca terra. Os índios, aquela ilhazinha mínima, no meio do latifúndio gaúcho, era preciso lutar contra o latifúndio gaúcho. E não permitir que a solução fosse dada para aqueles poucos camponeses miseráveis, contra aqueles poucos índios mais miseráveis ainda". Darcy Ribeiro, consciente da exploração exercida sobre os povos índios, afirma: "O que nós devemos fazer, sobretudo, é respeitar nos índios o caminho novo que eles estão tomando aqui e no mundo inteiro, que é o do autocomando de si mesmo, que é o das reuniões de índios com índios, pra decidirem o que vão fazer, para decidirem se defender. E já não como tutelados da FUNAI, já não como protegidos do governo, que não os protege. Que eles tomem a iniciativa de fazer o que é indispensável para serem reintegrados na posse do que lhes pertence".



E Mário Juruna, chefe xavante, completa: "O índio sempre foi sempre enganado pelo branco. Sempre o índio foi pisado pelo branco. Então hoje o branco tem que respeitar o índio. O índio tem mais civilização que cidade. Cidade não é civilizado. Eu acredito que índio tem muito mais civilização do que gente que vive na cidade".

A Terra dos índios. Espinha Dorsal

A equipe pesquisou, estudou, e chegou ao seguinte texto, digno de um humano Juízo Final: "Estima-se que existiam de 3 a 5 milhões de indígenas na região que hoje se convencionou a chamar de Brasil. Estes indivíduos falavam mais de 1.000 línguas e dialetos diferentes, pertencentes a cerca de 60 troncos lingüísticos, equivalentes ao hindo-europeu. Hoje existem pouco mais de 200 mil índios, e mais de 90% dessas línguas e dialetos desapareceram sem deixar nenhuma contribuição para o conhecimento da humanidade. Foram simplesmente exterminados ou absorvidos pela sociedade branca que para isso utilizou todas as técnicas que dispõe: do simples assassinato à guerra bacteriológica, passando inclusive pelo bombardeio de napalm".

"A população que vive hoje no Brasil é fundamentalmente de origem indígena. Foi a mulher índia que pariu o brasileiro. Ao contrário do que aconteceu nos Estados Unidos da América, o número de mulheres européias ou africanas que vieram para o Brasil foi muito reduzido. A "família", composta de um português, com algumas índias aprisionadas e dezenas de filhos que mais tarde assumiam a identidade paterna é, segundo Darcy Ribeiro, a proto-célula-Brasil, ou seja, o núcleo que deu origem à imensa maioria da nossa população".

"Apesar de nossa origem ou até mesmo, talvez, por causa disso, nós fizemos com os índios aqui a mesma coisa, ou pior, do que fizeram os espanhóis na América Latina ou os ingleses nos Estados Unidos. O massacre ao qual foram submetidas essas populações, infelizmente, não é nenhum privilégio dos índios que viviam no Brasil, mas sim uma constante universal em toda a parte onde a desenfreada expansão da civilização branca se encontrou com populações de origens e cultura distintas: os negros da África, os povos do extremo e médio oriente, os nativos da Austrália. Com raras exceções, todos se encontram hoje sob o domínio cultural, econômico e político dos anglo-saxões e seus descendentes".

Dessas idéias, fortes e bem estruturadas, surgiram então as três partes nas quais se divide "Terra dos Índios", com títulos que são, por si só, sínteses perfeitas das situações evidenciadas no texto acima: Eu Fui Nascido e Criado Aqui, O Índio Como Negócio, Nosso Documento é a Tradição.

Oportunamente, o filme chega a Belo Horizonte dentro da Semana Nacional do Índio, época propícia aos debates sobre a relevante, mas relegada a segundo plano, Questão do Índio.

(Paulo Vilara)